

# Guiomar Nunes, a da cutilada

*Personagens famosas no seu tempo e praticamente esquecidas, umas menos outras mais, é do que trata esta série de pequenas biografias publicada entre maio e julho de 2018. Desta feita, apresenta-se a filha do matemático Pedro Nunes, de nome próprio Guiomar, cantada durante séculos por poetas e prosadores e que se celebrizou por saber manusear o canivete.*

Poucos saberão quem foi esta mulher que ficou famosa no século XVI e não por ser filha do célebre Pedro Nunes. O matemático teve cinco filhos e só Guiomar conseguiu repartir a fama com o pai. E não por ser sua discípula nem por se revelar em outra ciência. Foi a atitude da rapariga enganada com promessas de casamento, associada a uma fuga engenhosa da prisão, que lhe valeu a posterioridade com o cognome de "a da cutilada".

Guiomar Nunes saiu do anonimato a 17 de janeiro de 1578, na cidade de Coimbra. O episódio que a celebrizou foi descrito nesse ano, tendo sobrevivido uma cópia que misteriosamente ficou sem as duas primeiras folhas, portanto, sem a identificação dos protagonistas. Até o manuscrito ser encontrado no século XIX, nunca o nome do acutilado fora referido. O dela andou desde início na "boca do mundo".

Guiomar, cuja data de nascimento se desconhece, morava com os pais na rua da Calçada, para onde estes foram viver em 1537 quando a Universidade se instalou em Coimbra. Pedro Nunes conhecera a mulher Guiomar Areas em Salamanca, na altura em que estudava medicina; casaram-se em 1523 e vieram para Lisboa por chamamento de João III. As suas irmãs Isabel e Briolanja já estavam casadas, e bem, com homens que ganharam ofícios e tenças (pensões) por serem genros de quem eram; Francisca fizera-se freira no Lôrvão; Apolónio e Pedro iriam para a Índia por deferência de D. Sebastião.

Muito perto, na rua das Fangas, habitava Heitor de Sá com a mãe, viúva. O rapaz encantou-se ao ver a bela dama, cercou-a com galanterias, trocou cartas amorosas e... assinou o contrato de casamento. Mas a sua família reagiu mal, mandou-o para fora da cidade, ao mesmo tempo que lhe arranjava um matrimónio mais vantajoso, provavelmente, uma noiva sem ascendência judaica, já que se sabia ser cristão-novo o cosmógrafo-mor, à data professor universitário jubilado.

Guiomar ficou danada e levou o caso à justiça eclesiástica. A velha Igreja de São João de Almedina encheu-se de gente. Para lá das grades, só se encontravam o bispo de Coimbra, alguns dos seus oficiais, dois ou três criados, o acusado, a queixosa e o irmão desta, Pedro Áreas. D.

Manuel de Menezes fazia perguntas: Guiomar dizia que sim, Heitor era seu marido, mas este negava conhecê-la, gritando-lhe impropérios. Aparentemente calma, resolveu acabar com a discussão, mostrando duas cartas de amor e o contrato feito com seu pai.

Levantou-se um bruaá entre a assistência. Os Sá berravam indignação. E pior se viu quando o prelado deu razão à esposa e sentenciou o marido a recebê-la no prazo de seis dias. Heitor recusava-se a aceitar a decisão. Guiomar pediu ao bispo para dar uma palavra ao acusado. Mal se lhe chegou, sacou de um canivete de um estojo preso à cintura, encoberto pelo manto, e feriu-o no rosto. Da boca à orelha.

Vingada, arrojou-se ao altar. A multidão rebentou, os Sá ficaram de cabeça perdida. O bispo mandou-a para a prisão do Aljube, vizinha da igreja, mas os ofendidos queriam-na no Castelo, cárcere mais duro. E conseguiram, porém, em poucos dias ela voltou ao Aljube; sem a perderem de vista, souberam que iria ser poupada a julgamento e internada num mosteiro: cercaram a cadeia para a matar à saída.

Então, o bispo engendrou um plano para a transferir a salvo. Primeiro, Guiomar rejeitou a ideia, por fim lá aceitou entrar para uma canastra e ser transportada às costas de um homem a quem disseram levar prata, e que o fizesse com muito cuidado. Dois frades, fustigando-se com o círio na mão, pedindo esmola, acompanharam a preciosa carga até ao mosteiro de Santa Clara. Dois dias depois, no domingo de ramos, recebeu o hábito. Menos seis meses depois, morria seu pai.

Ao longo de séculos, poetas e prosadores imortalizaram-lhe nome e cognome. O jurista e historiador Duarte Nunes de Leão, seu contemporâneo, dedicou-lhe uma página na obra "Descrição do Reino Português" para que se visse "que em toda a idade têm as portuguesas ânímos generosos, e varonis". Duzentos e sessenta e oito anos depois, a Universidade editou "Sonetos a D. Guiomar filha do dr. Pedro Nunes, sobre a cutilada que deu em Coimbra".

O caso terá ainda valido a prisão de dois seus sobrinhos, filhos de Isabel e de João Pereira Sampaio, em 1623, já Guiomar desaparecera do mundo dos vivos. Há disso registo no processo que a Inquisição lhes moveu por judaísmo. Matias Pereira acreditava que a denúncia era a vingança dos familiares daquele que apanhara "pelas queixadas" uma cutilada de sua tia.